

REDEFINIÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO E TRABALHADORES NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Prof. Dr. Paulo Cesar Inácio¹

Grupo de Trabalho 4

**TRABALHO E TRABALHADORES EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO:
MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, VIVÊNCIAS**

RESUMO

O texto apresenta parte do projeto de pesquisa em andamento intitulado: “Trabalho e Trabalhadores no Capitalismo Contemporâneo”. A construção e o desenvolvimento do projeto são resultado do esforço de um grupo de professores do Departamento de História e Ciências Sociais em identificar ângulos de abordagem que demonstrem como têm sido refeitas as relações de trabalho no Sudeste Goiano, a partir da década de 1960, com a chegada de empresas de mineração e a instalação de plantas produtivas de empresas automobilísticas. O projeto tem como um dos objetivos a produção e análise de entrevistas com trabalhadores dessas empresas, preferencialmente com aqueles que começaram a trabalhar no início das atividades destas. Na apresentação, definimos a experiência de constituir a seleção e análise das entrevistas. A pesquisa nos desafia, no diálogo com as fontes, a refazer, em outras bases, a constituição do que se tem denominado Sudeste Goiano.

A pesquisa em desenvolvimento, nominada: “Transformações do Capitalismo Contemporâneo”, é um esforço que agrega professores do Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão. Esses profissionais, assumindo suas diferenças de enfoques pontuais no interior da História Social, estabelecem na atividade de pesquisa/reflexão o entendimento de que as transformações experimentadas no Sudeste Goiano precisam ser analisadas através dos movimentos em que homens e mulheres, vivenciando experiências sociais em condições desiguais, pressionam esse social a partir dos “lôcus” político que ocupam.

Nas frentes de pesquisa, avançamos em um diálogo que é consenso para os pesquisados no que se refere aos seguintes elementos:

a) interesse em identificar como as redefinições do capitalismo contemporâneo reafirmam, em novas bases, os processos de produção e exploração; b) interesse em focalizar esse processo a partir do mundo do trabalho e dos trabalhadores, buscando identificar como se reconfiguram os contornos de classe em seu interior; c) entendimento das maneiras imbricadas em que espaços sociais se redefinem em um movimento coetâneo

¹ Professor Adjunto I da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão, Departamento de História. E-mail: paulocesarinacio@uol.com.br.

nos processos constituídos/constituintes da produção social, inclusive nas disputas pela construção dos significados políticos ideológicos; e d) entendimento dos conflitos existentes nos grupos que sofrem/exercem pressões sociais, alimentados e redimensionados em virtude de raça e gênero, enquanto possibilidade de enriquecimento da categoria de classe. A pesquisa, no interior dos princípios que permitiram a aproximação dos pesquisadores, identifica temáticas que recompõem o processo em que centros de exploração do capitalismo são deslocados para regiões distintas do Brasil.

Identificar como esse processo é produzido/reproduzido no Sudeste Goiano apresenta o desafio inicial de indicar em que espaço social nos movimentamos. Sudeste Goiano é uma das denominações possíveis para uma região de Goiás. É uma identificação geográfica que, ao situar algumas cidades de Goiás no mesmo movimento faz a leitura histórica a partir de um ângulo que privilegia o potencial advindo com algum surto de desenvolvimento específico e, ao mesmo tempo, intervém nas possibilidades de desenvolvimento econômico.

Uma das tentativas de organização é denominada Região da Estrada de Ferro, indicação que assumiu a perspectiva de que, no início do século XX, a entrada da empresa em Goiás construiu um ideário de desenvolvimento que permitia pensar organicamente algumas cidades goianas. Essa denominação ainda está presente na política de saúde que desenvolve políticas médicas, conhecida como Regional Estrada de Ferro.

A denominação Sudeste Goiano se desloca para o estado. A perspectiva de desenvolvimento através da ferrovia afirma-se no desenvolvimento em outras bases: Catalão, com duas perspectivas de crescimento, com os polos metal-mecânico e metal-químico; Ipameri, como polo de agronegócios; e Pires do Rio, com polo avícola.

A denominação microrregião de Catalão centra nessa cidade um projeto de desenvolvimento regional pautado na instalação e no desenvolvimento de empresas mineradoras e automobilísticas.

O projeto em questão, além de verificar como essas transformações se reproduzem em uma área periférica, objetiva visualizar como se estabelecem nessa região as contradições centrais do capitalismo contemporâneo. Em um primeiro momento, a pesquisa será centrada no processo que se constitui em Catalão e região captado na chegada e operação de três espaços de produção: o setor de mineração e as duas plantas de montagem de veículos, Mitsubish e John Geer. Ao focar inicialmente esses três espaços, observamos que estes permitem identificar elementos que avançam na captação de algumas contradições centrais do capitalismo contemporâneo em relação ao trabalho e aos trabalhadores.

Os que, ao “contar” a história das cidades locais, ordenavam versões firmemente ancoradas em temáticas e/ou personagens, assumiam a perspectiva de que a dinâmica histórica era posta nas movimentações observadas em grandes eventos estruturados na chegada/saída de empresas e na sucessão de famílias no controle de instituições. Nessas versões, havia pouco espaço político para trabalhadores, dinâmicas e processos sociais.

Nas versões cristalizadas do passado, firmavam-se concepções atreladas a grupos encastelados no poderio econômico e no controle do estado. Nesse processo, a preservação de uma única versão compreende a necessidade de refazer, mediante uso do passado, mecanismos que, ao darem voz a alguns, recortados no poderio econômico e/ou político, relegavam/relegam uma grande maioria ao silêncio. Esse processo tem negado o direito às memórias de diversos homens e mulheres, ao mesmo momento em que bloqueia o direito desses protagonistas ao presente.

Essa perspectiva alimenta e é ao mesmo tempo alimentada pelos diversos pactos que elites estabelecem com instituições escolares e culturais, museus e arquivos regionais, inclusive instituindo relações estreitas com diversos pesquisadores no interior da universidade.

Essas abordagens, pautadas em trabalhos de memorialistas, cristalizavam-se/cristalizam-se nas maneiras pelas quais esses grupos estabeleciam/estabelecem mecanismos de controle dessa memória, inclusive nas continuidades dessas relações de força.

Ao realizar parte da pesquisa orientados pela construção, leitura e análise de entrevistas produzidas com pessoas que trabalham ou trabalharam em empresas, nos atentamos para a perspectiva de identificar como versões do passado alimentam e são alimentadas no campo do mundo do trabalho e dos trabalhadores.

Nesse sentido,

Nosso compromisso de inventariar as diferenças e de perceber tendências que tensionam na dinâmica social passa, também, por compreender processos sociais de construção de memórias. Essa tarefa implica explorar esses processos em suas significações, atentos às relações imbricadas por meio das quais se engendram; passa pela observação de modos como instituições se atualizam e realimentam seu poder, recorrendo também a discursos e práticas simbólicas. Focando forças hegemônicas, ou outras mais subalternas e obscuras, vamos ensaiando explicações relacionadas dos fatos e significações em processos históricos específicos, destacando não só realidades mais visíveis, como as mais sutis, costumeiras e simbólicas. O esforço é de compreender como as pessoas se apropriam e usam o passado, no campo complexo das disputas dentro das quais se constituem. (KHOURY, 2004, p. 132/133).

A perspectiva de identificar ângulos de abordagem em que as mudanças regionais são pensadas em diferentes formas de registro expressam formas em que, historicamente, narrativas têm sido mantidas, refeitas e harmonizadas nas relações de poder do fazer e refazer regional.

Versões que, ao iniciar o curso de História na década de 80, alimentavam regionalmente a relação passado/presente, dando significado a essa ligação e a eventos, como a passagem dos bandeirantes por Catalão, em 1722. Essa passagem, fortemente pontuada como uma origem da cidade, forneceu um ideário pontuado por instituições como Maçonaria, Rotary e memorialistas como Cornélio Ramos. Na construção dessa cidade perpassa, de maneira difusa, o ideário de uma cidade branca, religiosa.

O repertório econômico aparece com marco fortemente entrelaçado, no início do século XX, à chegada da ferrovia; após os anos 60, à instalação de empresas mineradoras; e depois dos anos 90, à chegada de empresas automobilísticas, como a Mitsubishi e a Jonh Geer.

Ultimamente, a instalação da Usina Serra do Facão associa-se a outros fatores para demarcar o ideário de progresso e desenvolvimento regional.

Mesmo não articulados internamente a chegada dessas empresas, bem como a construção de hidrelétricas, vão redefinindo o aspecto social da região. Nesse meio, versões da decadência que projetavam o desafio de buscar caminhos para o desenvolvimento são renovadas, mantendo os contornos de classe para uma região do progresso e desenvolvimento balizada nas possibilidades geradas pelas chegadas de empresas.

A nova correlação de forças não alimentou o refazer das versões conservadoras em que se imputa relevância a pequenos grupos. Paulatinamente, essas versões vão se harmonizando com os novos grupos, entendidos como reconstrutores do social. Essa redefinição hegemônica em novas bases não tem alterado a exclusão dos trabalhadores no mesmo movimento ao passado e ao presente.

Superficialmente, as versões que contam a história regional parecem indicar uma continuidade linear no tempo, em que aparentemente novos grupos de poder constroem e se incluem como protagonistas desse novo período histórico local, na medida em que transformações vão ocorrendo.

Recuando sempre nas mesmas temporalidades na construção de significados para cidades da região, essas versões vão se associando com outras versões, somando ou negando alguns dos seus significados. Essas versões, suas atualizações, reafirmações e mudanças recompõem o desafio do refazer de processos sociais e sua construção na área de História. Esse elemento é trabalhado por Williams nos termos do dominante, do residual e do emergente.

Por emergente o autor entende que o refazer de valores e práticas apresenta maneiras diversificadas, posto que o passado é ordenado.

Por “emergente” entendo, primeiro, que novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação estão sendo continuamente criados. Mas é excepcionalmente difícil distinguir entre os que são realmente elementos de alguma fase nova da cultura dominante (e nesse sentido “específico da espécie”) e os que lhe são substancialmente alternativos ou opostos: emergente no sentido rigoroso, e não simplesmente novo. Como estamos sempre considerando relações dentro de processo cultural, as definições do emergente, bem como do residual, só podem ser feitas em relação com um sentido pleno do dominante. (WILLIAMS, 1979 p. 126)

Os marcos dos significados do passado indicam em que medida, no tempo presente, relações de força vão se articulando e mantendo os mesmos marcos, redefinindo os significados atribuídos aos grupos envolvidos.

Dessa forma, para a chegada da ferrovia, o impacto do progresso e da modernização era posto como um elemento que ocorria no alheamento completo dos trabalhadores. Assume-se que essas mudanças ocorreram sem qualquer “diálogo” ou contraponto com as formas de viver dos trabalhadores, homens e mulheres, pela sua pouca significação política e econômica.

Essa versão é sintomática nas maneiras em que essas variantes se aprofundam, tanto na historiografia quanto em outros campos do conhecimento, tanto à direita quanto à esquerda.

Na medida em que, com a decadência da ferrovia, vão se elegendo cidades como Catalão como centro de desenvolvimento pela indústria da mineração e automobilística, de maneira sutil redefine-se a relação dos trabalhadores com esses novos marcos.

Tratados como indiferentes e alheios a esses processos de modernização, paulatinamente os trabalhadores vão sendo incluídos nas novas versões do capitalismo como possíveis de serem redimidos no interior dessas transformações. De expectadores

vão sendo identificados como protagonistas, principalmente com a adequação ao novo modelo de gestão empresarial.

Nesse refazer do capitalismo, os trabalhadores têm sido postos na condição de redimidos por esse processo. O slogan construído pelo grupo que governou o executivo de Catalão entre os anos de 2001 a 2008 é sugestivo no aplainamento das diversas memórias: “Catalão, viver aqui é bom demais”. Nesse meio, o desenvolvimento econômico empresarial tem reafirmado a concepção de elemento que desenvolve o mundo do trabalho.

As maneiras pelas quais temos abordado nas pesquisas e orientações de monografias esses processos não têm identificado os aspectos gerais em que se articulam essas versões e transformações. No geral, as pesquisas têm identificado que da transformação econômica e tecnológica resulta um novo tipo de social, normativamente derivado dessas mudanças.

Em outra direção, inclusive no uso de entrevistas produzidas com trabalhadores, surgem versões alternativas para esse processo, como se os trabalhadores estivessem alheios e não tensionassem essas versões com esses traumas.

Na construção e identificação de registros, procuramos redefinir o que tradicionalmente temos entendido como base e superestrutura, como alerta WILLIAMS:

Então, devemos dizer que quando falamos de “base”, estamos falando de um processo, e não de um estado. E não podemos atribuir a esse processo algumas propriedades fixas a serem posteriormente traduzidas aos processos viáveis da superestrutura. Muitos dos que quiserem e querem fazer da proposição comum algo mais razoável concentram-se na depuração da noção de superestrutura. Mas eu diria que cada termo da proposição deve ser reavaliado em uma direção específica. Temos de reavaliar a “determinação” para a fixação de limites e o exercício de pressões, afastando-a de um conteúdo previsto, prefigurado e controlado. (WILLIAMS, 2011, p. 47).

Não se tem dado atenção aos impactos e estratégias enquanto tensionados pelas contradições que se estabelecem no mundo do trabalho e dos trabalhadores. Ideologicamente, têm sido relegadas preocupações com elementos como: a) estratégias que articulam estado e iniciativa privada, constituídas na percepção/intervenção desses grupos que se produzem em proposição especial com o projeto político que os une; b) os impactos sociais no mundo dos trabalhadores, como tradições distintas, tensionados nesse processo; c) as mudanças e os impactos no uso da tecnologia e estratégias de gerenciamento das empresas, pautados nas exigências do mundo dos trabalhadores; d) os impactos nas cidades da região, causados pelos deslocamentos de trabalhadores no seu refazer.

A nova fase de transformações que em parte reafirma e recompõe versões da história local é formada em um processo que se iniciou após os anos de 1960. Em 1967, foi criada a METAGO (Metais de Goiás), recebendo autorização para executar pesquisas em áreas de Goiás, indicando possibilidades de exploração de minérios. Além de regiões como a de Cristalina, a empresa realiza pesquisa no município de Catalão e Ovidor. Em 1982, a Goiás Fértil iniciou a produção de minério, empreendimento estatal, sofrendo um processo de mudança em 1992, quando foi incluída no plano de privatização do governo federal.

Em 1992, a empresa foi privatizada. Nesse momento, o processo de produção sofreu alterações. Se antes o minério era retirado e transportado para outras regiões,

passou-se, a partir de então, a verticalizar na região mesmo o tratamento. Essas transformações, que articuladas nas iniciativas do Estado com empresas privadas iniciaram um processo de mudanças, foram redimensionadas com a chegada da Mitsubish e da Jonh Geer.

No interior desse processo, redefiniram-se os termos da hegemonia no esforço de validar diversas intencionalidades então envolvidas.

Nas pesquisas que desenvolvemos, tanto no mestrado (INÁCIO, 2003) quanto no doutorado (INÁCIO, 2009), são identificados o refazer do mundo dos trabalhadores em parte do Sudeste Goiano.

No mestrado, atentamos como trabalhadores ferroviários constroem e dão suporte a uma memória que é avessa ao que se construiu, por determinados grupos, de que a ferrovia teria trazido progresso e modernização.

Pesquisando no doutorado, tivemos oportunidade de ampliar essa perspectiva, identificando nas transformações sentidas e construídas pelos trabalhadores como nesse movimento se refaz o que entendemos como campo e cidade.

Com ângulos de abordagens diferenciados, essas pesquisas avançam principalmente na construção de entrevistas até meados dos anos de 1970. Nesse período, em meio a diversas mudanças, se redefiniram os termos de relação dos trabalhadores na reconfiguração dos espaços do campo e da cidade.

Dentre as muitas mudanças que ocorreram, houve uma quebra de diversos costumes nos modos de viver e trabalhar. Não rompendo os termos do trabalho no campo, ocorreu uma mudança sugestiva dessa relação e da própria relação familiar.

A vinda para a cidade não significou a chegada em um espaço já construído em que seus modos de vida foram somados, mas, principalmente, o desafio do refazer desse espaço, do qual precisavam. Para se conseguir refazer os termos da hegemonia, é preciso trazer na reconfiguração os limites das pressões exercidas por esses trabalhadores.

Entrevistas produzidas com o Sr. João Modesto e o Sr. Joaquim Rita indicam que essa crise se deu na relação de trabalho, tanto no campo quanto na cidade.

Esses fazendeiros remediado eles passava aperto mais do que nós, que se tivesse trabalhando por dia, sabe? (...)

Então nós vivia aos trebulhão porque eles passava aperto, nós também passava, às vezes eu fazia um serviço pr'ocê, eu demorava quinze, vinte dia prá receber, e eu não podia esperar esses quinze dias, mas eu não tinha condição; tinha que esperar. As vezes eu já comi até mamão com água, sabe, já passei. (Entrevista realizada com o Sr. João Modesto da Silva, em 19 de julho de 2008).

Ao situar na entrevista o momento em que saiu do campo e foi para Goiandira, indica que havia, naquele momento, uma crise que atingia inclusive alguns fazendeiros.

O Sr. Joaquim Rita descreve que quando foi para Goiandira levar alimento para seu irmão, descobriu que este estava passando necessidades.

Um dia aconteceu um troço, toda vida eu tenho dó das pessoas. Cumpade Vilar, muito pobre, morava na Rua do fogo; eu vim aqui limpar um saco de arroz, saco de arroz naquele tempo era! Pus numa carroça com travessão; numa sexta feira; aí eu tinha matado um capado, tinha mandioca, a suã do porco - capado de carne -, trouxe feijão, ele me ajudou a colher o feijão, trouxe uma vasilha de feijão. Cheguei, limpei o

arroz, vim aqui na Rua Rui Barbosa; aí, vi os menino; eu não sabia de nada, e foi eu - a gente tem que rezar e acreditar em Deus, Deus encaminha a gente até para fazer caridade (...) Aí eu limpei o saco de arroz e pus na carroça. E assim levei uns trem pro cumpade Vilar.

Enquanto um arroz aqui; cheguei lá tava um escurim (...) os menino lá tudo alegre, aquela coisa, e eles morrendo de vergonha, rapaz, chorando, não tinha janta. Não tinha jeito de comprar (...)

Aí eu gritei: – Cumpade Margarida, vem cá. Ela veio correndo; falei: tem uns trem aqui pr’oceis, um pedaço de capado, de porco, uma suã, mandioca, feijão, uma vasilha, me dá uma vasilha grande para mim tirar um arroz pr’oceis.

Aí minha Nossa Senhora (nesse momento começa a chorar) (...) eu não posso falar.

(depois de uma pausa) “Cumpade Joaquim, foi Deus que mandou você vir aqui, meus menino tá aí, nós não tem nada para cozinhar para eles, nada. Passando vergonha, nós tá morrendo de vergonha, (...). Aí, êh, aí, pois é! Uma vasilha grande, um tantão de arroz - um sacadão de arroz, eu minha mulher, naquele tempo já era quatro filho, já tinha a Maria Rosa.

Nossa Senhora, ele chorou, eu, eu nunca esqueço disso. Por isso, Paulo, que a gente, eu sô feliz (risos). Eu ganho um salário mínimo, eu a e mulher. Eu vou falar pr’ocê; eu, não compro a prazo, eu graças a Deus, fui no matador, comprei doze arroba de carne, paguei; comprei barato, doze arroba de carne; fazer pelota; todo dia tá a carne e mais alguma coisa, umas pelota pra fazer na janta. (Entrevista realizada com o Sr. Joaquim Pires, em 19 de julho de 2008).

Ao trazer alimentos para o Sr. Vilar, seu irmão demonstra um ideário de que a cidade também apresentava uma crise, e de que os trabalhadores iam aprendendo a jogar com as dificuldades.

Entendemos que o refazer dessas versões, em que a região passa a ser entendida nas transformações que experimenta como possível de redimir os trabalhadores, se refaz em parte pela pressão que experimenta com esses trabalhadores, que não apenas chegavam, mas traziam e impunham novas maneiras de viver.

Acompanhamos esse movimento na entrevista que realizamos com o Sr. João Mendonça do Carmo², morador da Vila Liberdade, na cidade de Catalão. Na entrevista, contou que a entrada para o trabalho na empresa de mineração ocorreu no instante em que saiu do campo e veio para a cidade.

Morando e trabalhando em fazenda até os 33 anos de idade, em 1974 passou a fazer serviços para a Metago na medição de níveis de minérios existentes no solo. Depois dessa relação, passou para os quadros da empresa até o ano de 1996, quando se aposentou.

Na entrevista, indica que o início do trabalho foi numa atividade no setor de britagem, em que era encarregado de receber o minério bruto que chegava e limpá-lo para que seguisse para outros setores para ser tratado.

Aproveitou da condição de estar morando e trabalhando em uma fazenda comprada pela empresa para desenvolver pesquisas e depois exploração. Nesse relato, demonstra como essa redefinição acompanha o refazer da sua vida no campo e sua saída para a cidade.

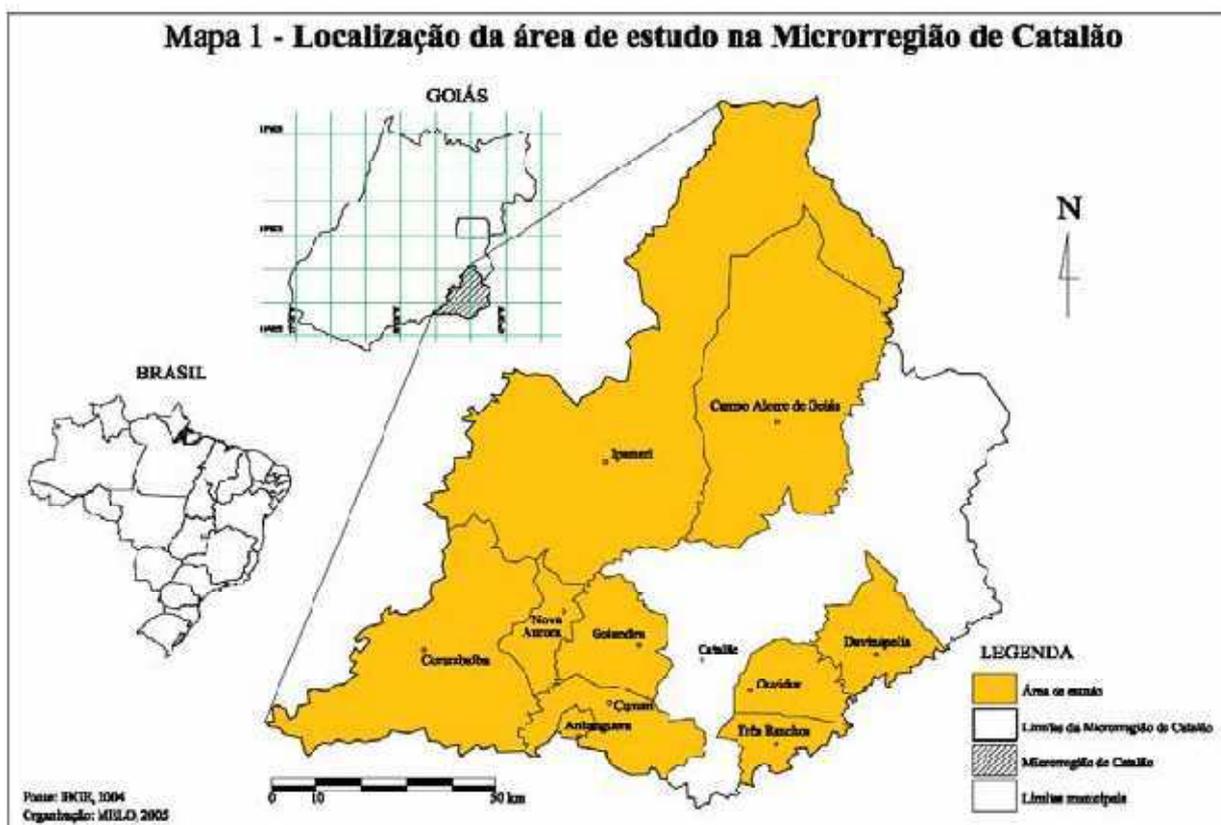
² Entrevista realizada em 14 de fevereiro de 2012.

Ao descrever sua aposentadoria, conta que reuniu tempo de trabalho, incomodado com o momento em que a empresa passou a exigir que seus funcionários complementassem o período de estudo.

Nas entrevistas, temos procurado nos atentar para maneiras imbricadas em que significados vão sendo produzidos em novas realidades lidas e refeitas por trabalhadores.

Nessa reconfiguração regional e nas transformações ocasionadas pela chegada e instalação das empresas mineradoras, vai ganhando destaque a cidade de Catalão, como centro desse processo.

Listamos, conforme imagem abaixo, a região, com destaque para Catalão.



Fonte: IBGE, 1982 e 2005. Org.: MELO, 2006.

Referências Bibliográficas:

INÁCIO, Paulo Cesar. **Sudeste Goiano**: seus trabalhadores, seus construtores, suas memórias, nossas histórias. Tese de doutorado, programa de pós-graduação em história, Universidade Federal de Uberlândia, 2009, mimeo.

_____. **Trabalho, Ferrovia e Memória**: a experiência de turmeiro no trabalho ferroviário. Dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em história, Universidade Federal de Uberlândia, 2003, mimeo.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes (Et all). Muitas Memórias, Outras histórias. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e Materialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.